
Identidades em devir: um processo dinâmico, contínuo e inacabado

Reinventing Identities: The Gendered Self in Discourse.

BUCHOLTZ, Mary, LIANG, A. C., and SUTTON, Laurel, A.

New York: Oxford University Press, 1999. 431 p.

O livro *Reinventing Identities: The Gendered Self in Discourse*, organizado pelas autoras Mary Bucholtz, A. C. Liang e Laurel A. Sutton, é uma compilação de artigos sobre como identidades escolhidas e impostas são criadas, formatadas e alteradas através do tempo, lugares, falantes e contextos. Os 20 artigos, distribuídos em quatro partes, abordam identidade como um repertório de possibilidades, do qual os/as atores/as sociais lançam mão, dependendo da situação. "Identidade como invenção", "Identidade como ideologia", "Identidade como ingenuidade" e "Identidade como improvisação" abordam a temática de forma inter e transdisciplinar ao longo de 431 páginas. Os textos representam uma expansão da teoria feminista dos anos 70 e 80, pois já não tratam identidade de forma essencialista, desligada de atravessamentos constitutivos como raça, etnia, sexualidade, classe social, nacionalidade e outras dimensões sociais. A obra também desmistifica o uso de expressões generalizantes e unificadas como "uso da linguagem por mulheres", "cultura dominante", pois sustenta que as identidades são negociadas ativamente e não existentes *a priori*.

Bucholtz fala da relação difícil da teoria feminista com a linguagem e pesquisa de gênero. Isso se dá, em parte, pela nova visão de identidade que as pesquisas têm trazido. Não assumindo mais a identidade como uma categoria estática, mas como atividade semiótica, já não se pode falar em "grandes patriarcados opressores", por exemplo. O determinismo histórico das superestruturas (maquinarias sociais), que reivindica a idéia de sujeito tomado, fica, portanto, relativizado. A

negociação de identidades múltiplas oferece, nessa nova ótica, uma ruptura com a visão de categorias e poder hegemônicos. Butler, citada por Bucholtz, Liang e Sutton, localiza no corpo o estágio sobre o qual o gênero é representado, onde elementos do *self* são projetados e naturalizados ou não. O que passa a ser considerado é um balanço entre agência individual e desigualdades estruturais, fazendo com que vozes múltiplas e subversivas substituam passividade, opressão e silêncio por ação.

A idéia de "comunidades de prática"¹ revolucionou a pesquisa sobre linguagem e gênero. Essa nova perspectiva teórico-metodológica propiciou um olhar para as experiências localmente situadas. Nas comunidades, os/as participantes assumem uma variedade de identidades, cuja relevância varia de momento para momento. Um dos desafios para o/a pesquisador/a em comunidades de prática é observar como as pessoas se movem e agem, sem avaliações sobre o que é adequado ou não.

A primeira parte do livro, "Identity as Invention", das autoras Marcyliena Morgan, Kathleen Wood, Marjorie Faulstich Orellana, Lisa Capps e Sara Trechter, localiza os processos invisíveis de construção de identidades através do uso da linguagem, questionando a idéia de que identidades de gênero são inevitáveis, naturais e fixas. Seres sociais são, para as autoras, produzidos na interação, através de processos de resistência ou alinhamento. Esse processo é sempre dialógico, no sentido bakhtiniano, pois o "eu" é negociado através do "tu". Os artigos dessa parte do livro lançam um olhar suspeito para tudo aquilo que é inocentemente tomado como natural. A lista do que é considerado natural é quase infinita, abarcando fenômenos cognitivos, biológicos, psicológicos e ideológicos, que 'explicam' a 'natureza' do sujeito. A neurose, tão associada ao 'comportamento feminino' pode, por exemplo, ser reforçada lingüisticamente pelas práticas circulares das famílias, uma vez que a palavra é tomada como ação. Da mesma forma, inúmeras características tomadas como 'naturais' em homens e mulheres são, na verdade, produzidas socialmente e reforçadas sistematicamente pela linguagem.

A segunda parte do livro "Identity as Ideology", de Jennifer Coates, Caitlin Hines, Laurel Sutton, Rebecca Dobkins e Keith Walters, explora a multiplicidade de meios utilizados para perpetuar e impor identidades através da linguagem. A ideologia é construtora de identidades, não se questiona, mas ela está em permanentes processos de mudança e revisão por indivíduos e grupos. As metáforas constituem um meio eficaz de naturalização de concepções através da língua. Dentre muitas, estão as que associam a mulher à comida, sempre cortada em pedaços ou fatias, que acabam por diminuir a mulher, negando-lhe a unidade e relegando-a a um objeto de satisfação do desejo do outro.

Apesar de se refutar essencialismos biológicos, é importante, porém, não esquecer que os indivíduos têm corpos. O corpo torna-se um espaço de inscrição da história, o que traz a perspectiva da linguagem como prática corporeificada. Segundo Bourdieu, o *habitus* é uma série de disposições que inclinam agentes a agir e reagir de determinadas formas. Essas disposições são adquiridas através do processo de socialização e representam os meios pelos quais o corpo atualiza a estrutura social internalizada e se orienta física e psicologicamente para o mundo.² É a natureza corporeificada de atitudes linguísticas que explica variantes fonéticas e uso de expressões tidas como masculinas ou femininas, por exemplo. Como se vê, é o aspecto social incidindo sobre o biológico, o que torna problemática qualquer classificação identitária como natural.

O terceiro bloco da obra, "Identity as Ingenuity", das/os autoras/es Deborah Tannen, Patrícia Sawin, William Leap, Norma Mendoza Denton e A. C. Liang, trata da linguagem no seu aspecto criativo e ambíguo, utilizada por categorias 'desviantes' dos padrões para evitar o confronto com categorias sociais estáveis. Isso inclui a escolha lexical em interações específicas entre gays e lésbicas, por exemplo, que querem ocultar sua identidade para se proteger da homofobia. Os agentes homossexuais trabalham dentro e contra ideologias culturais de identidade para construir uma identidade conscientemente escolhida. A ênfase aqui é, novamente, na identidade gay como processo de construção social, ao invés da exaltação ao essencialismo estático da homossexualidade.

É importante destacar que muitas pessoas incorrem na ingenuidade de localizar diferenças de gênero no indivíduo, ao invés de na relação entre indivíduos. É preciso atentar para o tipo de alinhamento que os/as falantes estão tendo;

como se posicionam em relação à situação e onde mulher e homem tendem a cair em padrões de comportamento. Dessa forma, a relação entre linguagem e gênero é mais bem entendida quando o foco de atenção é a situação, o evento. A interação é sempre atravessada por diversos fatores que se alteram, perturbam e interferem mutuamente, tais como classe social, escolaridade, autoridade, poder.

A quarta e última parte do livro, "Identity as Improvisation", de Rusty Barrett, Anna Livia, Mary Bucholtz, Colleen Cotter e Marjorie Goodwin, traz à tona os novos arranjos sociais que providenciam os significados para construir novas identidades. Identidade, ao invés de uma instância determinada, é algo construído e reificado continuamente. É importante ter em mente que a linguagem não é a única formadora de identidades, mas sistemas inteiros de atividades. As *drag queens*, por exemplo, ao se manifestarem, podem estar celebrando a dissolução das categorias de gênero. Sua linguagem é ambivalente, crítica e, às vezes, raivosa. Vários estilos indexicalizam uma identidade múltipla e política, que protesta contra a homofobia, racismo e todos os preconceitos contra os/as que não se enquadram na 'normalidade'.

Ao passo que algumas feministas condenam a performance das *drag queens* como misógena, teóricas defendem que elas tratam da subversão ou inversão de questões de gênero tradicionais. Teorias *queer*, também chamadas de teorias feministas pós-estruturalistas, glorificam a *drag* como uma força desconstrutiva altamente política, trabalhando para minar questões de gênero. Segundo essa teoria, as *drags* não debocham das mulheres, mas se vêem também lutando contra opressões de gênero, o que, por si, mereceria apoio das feministas e não desdém. Claro que não estamos, como em nenhuma outra parte, falando de identidades monolíticas, e por isso não podemos atribuir características unidimensionais às *drags*. Elas não são inerentemente subversivas ou misógenas. Há que se lembrar que as pessoas têm um "repertório de identidades" e que, em dado momento, é pinçada uma entre várias outras.

Refazendo o caminho da pesquisa em Linguagem e Gênero, podemos definir três estágios. Os anos 70 representaram a década da descoberta. Os anos 80, um período de crítica e correção do trabalho anterior. A década de 90, período conhecido como a "terceira onda", foi o período transformador, trazendo novas questões e áreas inexploradas. A partir da terceira

onda os significados são construídos localmente, ao invés de se acreditar em divisões globais de gênero. Olhar para as variações individuais e para além das categorias de gênero significa libertar as identidades do seu engessamento tradicional. Admitir identidades cheias de possibilidades pode também contribuir para que as pessoas comecem a explorar novas maneiras de se expressar no mundo. Isso, sem dúvida, é ousado, principalmente quando se aprendeu que as coisas são assim porque “Deus” ou a natureza quis e já vêm de tão longe que nem sequer se pensa na possibilidade de serem diferentes. Esse é o grande aspecto transgressor e libertador desse tipo de pesquisa. As verdades e as obviedades são ‘convocadas a se justificar’; já não sustentam mais seu status de legitimidade.

Esse livro, por todos os aspectos citados, é altamente recomendado a todos que ousam refletir sobre a complexa questão da linguagem e formação das identidades. É, sem dúvida, uma

senda que pode trazer conflitos, revelações, grandes *insights*. Pode, sobretudo, proporcionar momentos ricos de pensar na identidade como uma possibilidade multifacetada. Binarismos simplistas, maniqueísmos ingênuos e expressões generalizantes não satisfarão mais, por certo, o/a leitor/a, depois dessa experiência de leitura.

Notas

¹ Etienne WENGER, 2004.

² Pierre BOURDIEU, 1977.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. “The Economics of Linguistic Exchanges.” *Social Science Information*, v. 16, n. 6, 1977. p. 645-668.

WENGER, Etienne. *Communities of Practice: Learning, Meaning and Identity*. New York: Cambridge University Press, 2004.

Mariléia Sell ■

Universidade do Vale do Rio dos Sinos